

Minha apresentação - SPGL

**“Mulher à beira de uma largada de pombos”**

**(À volta das canções de José Afonso)**

...

Estes meus pequenos contos começaram a germinar na Associação José Afonso. Foi aí que eu aprofundei o meu conhecimento desse homem ímpar, arauto de todas as utopias, esse cantor que semeou notas e palavras de febre e de vento, o homem abolicionista de todas as fronteiras, inquieto, solidário, sem correntes! E tive vontade de me debruçar sobre as suas canções, entrar nas palavras, descobrir sentidos, sentimentos, as pessoas ou os factos que lhes deram origem e daí (re)construir histórias.

Já tinha feito um conto a partir de uma canção, a “Amélia dos olhos doces”, cantada por Carlos Mendes com poema de Joaquim Pessoa. Porque não tentar fazer o mesmo com os poemas do Zeca?

Então comecei a vasculhar as cantigas, entrei nas letras. Um mergulho fundo que José Afonso é poeta exímio, de enorme fecundidade, cujos versos são, ora simples, ora obscuros, muitas vezes sarcásticos, tantas vezes enigmáticos e desconcertantes. Não é quase nunca transparente, nem única, a sua leitura.

Uma coisa eu tinha destinado à partida: seriam mulheres as principais personagens. Porque as mulheres são a parte invisível da História.

Acho que é preciso fazer ver que elas sempre estiveram presentes, ora de uma forma mais preponderante, ora aguentando a retaguarda das lutas.

O primeiro poema sobre o qual me debrucei foi “Era um Redondo Vocábulo”.

Talvez a canção do Zeca de que mais gosto, mas também uma das mais inquietantes e misteriosas.

Era um redondo vocábulo  
Uma soma agreste  
Revelavam-se ondas  
Em maninhos dedos  
Polpas seus cabelos

Resíduos de lar,  
Nos degraus de Laura  
No quarto das danças  
Na rua os meninos

Brincando e Laura  
Na sala de espera  
Inda o ar educa.

Esta canção foi escrita quando José Afonso estava preso em Caxias e nela se notam nitidamente dois polos opostos: a prisão e a liberdade, a raiva e a ternura. E é nesse contexto que surge Laura. Será o nome “Lauuuuuuura” o redondo vocábulo?

E quem é essa mulher que visita( em pensamento) o prisioneiro político (o próprio Zeca?) e cuja imagem é “resíduo de lar” e ao mesmo tempo espera, supostamente, os homens no quarto das danças ?

\*\*

Procurei que as canções se enquadrassem em temáticas variadas fiz a pesquisa, quando era caso disso,( Teresa Torga e Catarina ) e então foi-se desdobrando um universo feminino, com as suas labutas diárias, o sustento e o cuidado com a casa e os filhos, a perda e a morte, a desilusão amorosa, a gravidez e a adopção, a escravatura sexual, os segredos escondidos, a frágil condição humana. Mas tentando evidenciar sempre, sempre, a resiliência de que são feitas as mulheres, as suas quebras e o seu constante levantar.

Evidentemente que nas canções de Zeca Afonso existe também a denúncia acesa do passado de opressão, a miséria dos pobres e desprotegidos, a prisão política, a tortura, a guerra colonial e a morte. Mas José Afonso assistiu ainda ao surgimento de uma nova era que nasceu naquele dia que Sophia de Mello Breyner apelidou de “inicial, inteiro e limpo”. O caminho no tempo novo vai-se fazendo com recuos e avanços e assim a denúncia de retrocessos segue ao lado da esperança.

“Chamava-se Catarina” é o último conto. Propositadamente. Porque nele se estabelece o laço entre as duas épocas ( tirania e democracia) . Tendo como pano de fundo o assassinato de Catarina Eufémia nesta história contracenam duas mulheres, dois tempos, o mesmo nome, numa passagem de testemunho que entendi ser urgente fazer.

LEITURA de excerto

Caíram os dois, tu e o teu menino, o campo das favas tremeu, gelou o céu, os gritos dos pássaros numa revoada levantaram em nuvens de fúria e sede.....

Maria Jorgete Teixeira